

Autor:  
Adriana Marcolini  
Área do Conhecimento:  
História Contemporânea  
Área Específica:  
Antiga Iugoslávia  
Ano:  
2005  
Publicação:

**Iugoslavos são hoje a única minoria étnica não reconhecida, lamenta o etnólogo sérvio Ivan Colovic**

Adriana Marcolini  
de Belgrado



Fotografia de Adriana Marcolini

Empobrecida pela insanidade das guerras travadas nos anos 1990 a fim de ampliar seu território, atingida pelas sanções econômicas que a comunidade internacional lhe impôs no final do governo de Slobodan Milosevic e pelo caos econômico daquele período, depois da partida de Montenegro, em referendo realizado em maio de 2006, a Sérvia está hoje só. Em 2007, poderá ficar ainda menor depois que o status da província de Kosovo, atualmente em negociação, tiver sido estabelecido. Um fim melancólico para aquele grande país outrora chamado Iugoslávia, como dizem os nostálgicos que ainda se definem como simplesmente ‘iugoslavos’. O etnólogo sérvio Ivan Colovic é um deles.

“Os iugoslavos representam hoje uma minoria étnica, a única não reconhecida”, afirma. Grande pesquisador dos mitos da Sérvia, Colovic é um crítico sagaz do uso político que deles se fez durante os anos Milosevic – um dos fatores que contribuíram para que a Sérvia embarcasse numa série de conflitos desastrosos nos anos 1990. Pesquisador aposentado do Instituto de Etnografia da Academia Sérvia de Artes e Ciências, tradutor da língua francesa e editor da coleção de antropologia *Biblioteca do Século XX*, ele chama a atenção para um dos principais obstáculos encontrados pela Sérvia no caminho para a democratização: a persistência dos cultos e mitos nacionalistas, ou como ele afirma, a ‘política do símbolo’. Conhecido por obras como *The Politics of Symbol in Serbia* (Hurst & Company, Londres, 2002), o antropólogo salienta que o atual primeiro-ministro sérvio, Vojislav Kostunica, também inseriu os símbolos da identidade nacional no seu programa político. Leia abaixo a entrevista concedida por Ivan Colovic ao Laboratório de Estudos da Intolerância:

Pergunta: O senhor acredita que exista hoje na sociedade sérvia um conflito entre uma força progressista, favorável à aproximação com a Europa, e uma força nacionalista, que tende a se fechar e repelir a idéia de um futuro ingresso na União Européia?

Resposta: Sim, é possível afirmar isto. No entanto, entre essas duas tendências, existem diversas variações que fazem com que a escala do atual espaço político sérvio e montenegrino tenha várias gradações. É melhor, portanto, afirmar que este cenário é dividido, complicado, com variações que vão da extrema direita à extrema esquerda. Todos os tipos de opções estão presentes hoje, com uma tendência predominante que a direita leva adiante.

Pergunta: Por quê?

Resposta: Porque tivemos 50 anos de regime comunista, tal como na Europa Central e Oriental, e depois deste regime, a tendência é ir para a direita. Depois do comunismo, entramos num período definido pela presença mais forte do clericalismo e do nacionalismo. Às vezes, este nacionalismo é de uma direita extrema, do tipo étnico e chauvinista; outras vezes pode ter formas mais legalizadas e legítimas, e representar um conservadorismo político, o tradicionalismo, o que corresponde aos partidos políticos de direita na Europa e no mundo em geral.

Pergunta: Pode-se afirmar que o atual governo sérvio seja de tendência nacionalista?

Resposta: Podemos situá-lo nesta direita conservadora e tradicionalista, que tem relações muito boas com a Igreja Ortodoxa sérvia e que quer representar esta “Sérvia profunda”, popular, tradicional. Então, se há uma ideologia por trás deste governo, esta é de uma direita tradicional, conservadora, que às vezes tem a tentação de caminhar demais para a direita.

Pergunta: Há atualmente na Sérvia um renascimento da Igreja Ortodoxa e da religião na sociedade?

Resposta: Sim, durante a época comunista, a Igreja era completamente marginalizada. Depois da queda do comunismo, ocorre este fenômeno que, de alguma forma, era esperado, de um novo posicionamento das Igrejas. Na Sérvia a mais importante é, tradicionalmente, a Igreja Ortodoxa, é ela que se relaciona à idéia do que seja a nação sérvia. É neste ponto onde eu intervenho com esta distinção entre o novo papel da Igreja, da religião, no sentido estrito do termo, e aquilo a que chamei de a presença, a inserção de uma religião política, que exerce sua influência sobre o culto da nação. Portanto, atualmente, após a queda do comunismo na Iugoslávia, e não apenas na Sérvia, mas também nos outros países que surgiram com o desmembramento do país, existe a presença, com o nacionalismo, de uma idéia quase religiosa da nação. Ou seja, os monumentos históricos são venerados como se fossem os santuários, os sítios sagrados da nação. A nação é divinizada. A Igreja Ortodoxa sérvia, a Católica na Croácia e a Islâmica na Bósnia Herzegovina participam da criação

dessas ideologias, dessas religiões políticas que celebram a nação. Acho muito importante observar que as Igrejas não se posicionam na qualidade de defensoras dos elementos da religião, mas participam, colaboram para a formação deste complexo que eu chamo de ‘religião política da nação’, com os mitos, os rituais, as comemorações que são destinadas a celebrar a nação, e não Deus. É o nacionalismo, é um tipo de religião laica, secular.

Pergunta: Como era a situação das Igrejas antes das guerras dos anos 1990?

Resposta: No programa do Partido Comunista, a religião era tratada como um veneno que era preciso, de alguma maneira, analisar, compreender, e contra o qual era preciso lutar. Este era o contexto comunista. Depois disso, as Igrejas, na tentativa de reafirmar seu papel na sociedade, interpretaram a separação entre o Estado laico e a Igreja como uma herança da época comunista. Foi uma estratégia que elas adotaram, argumentando que esta separação, esta ausência dos negócios públicos, seja uma herança do comunismo. Portanto, elas costumam refutar a idéia de que a separação entre o Estado laico e a Igreja seja um fator da democracia. Mas esta separação não tem nada a ver com o comunismo.

Pergunta: Esta ideologia que o senhor chama de ‘religião política da nação’ está sendo transmitida nas escolas?

Resposta: Por um lado, há a solicitação por parte da Igreja Ortodoxa, para introduzir o ensino religioso nas escolas – o que já vem sendo cumprido. Existe, portanto, uma contradição entre a Constituição de um Estado laico e a introdução de aulas de religião nas escolas públicas. Por outro lado, há a presença de temas, de interpretações, no sentido de uma ideologia nacionalista. Existem dois tipos de nacionalismo: o laico e o defendido pelas Igrejas. Em todo caso, é um problema ver o ensino religioso penetrar nas escolas públicas. A presença da ideologia nacionalista, é preciso observar, está presente por toda parte, na mídia, nas escolas, na literatura, no folclore. Isto é um outro problema, que requer a reestruturação da nação, uma nova forma de entender a nação e a identidade nacional – que não deveria ser concebida como uma identidade ameaçada pelos vizinhos, pelas forças estrangeiras e pelos grandes complôs sempre dirigidos contra o ‘nosso pobre povo’. É um repertório de poder que se legitima como aquele que protege o seu povo contra esses perigos. Podemos encontrar isso na mídia, mas não de forma explícita, a linguagem do ódio não é veiculada diretamente, mas nas formulações, no vocabulário, nos códigos.

Pergunta: Nas feiras de Belgrado são vendidos calendários de 2006 ilustrados com fotografias de Radovan Karadzic e Ratko Mladic, os dois criminosos de guerra sérvios mais procurados pelo Tribunal Penal das Nações Unidas para a ex-Iugoslávia (TPI). Eles são considerados heróis por uma parte da população sérvia?

Resposta: Há pessoas que se aproveitam fabricando mitos em cima desses chamados heróis de guerra. Elas se aproveitam tanto economicamente quanto politicamente. Há a extrema direita que apresenta Karadzic e Mladic e outros assim chamados heróis de guerra no contexto de uma tradição da história sérvia que diz assim: “Vejam, são os nossos novos heróis, que são os mesmos heróis da nossa historia célebre do século 19”. Mas o atual Estado sérvio e o sistema jurídico não proíbem este tipo de publicação ou músicas em louvor a ambos. Às vezes, o que é um problema, é ver isto em locais onde não esperaríamos, como por exemplo, nos saguões do Exército há concertos de cantores da poesia épica sérvia. Nesses concertos são vendidas fitas K-7 com músicas que celebram Karadzic e Mladic.

Pergunta: O senhor acha que isto deveria ser proibido?

Resposta: Acho que não, pois se começamos a proibir isto, não sei onde poderíamos parar. O que,

para mim, deveria ser proibido, são os pequenos grupos e partidos políticos que fazem referências ao fascismo, ao nazismo, ao anti-semitismo. Acredito que nesses casos seja preciso haver uma política mais restritiva. Mas onde se trata de um folclore político, me pergunto se não seja apenas o reflexo de certas idéias lançadas pelos homens que pertencem à chamada “elite cultural”. Se começamos a proibir isto, podemos terminar como Platão que, na sua época, pediu o controle severo da produção dos poetas gregos porque pensava que eles deveriam pedir permissão dos filósofos e do Estado.

Pergunta: Existem partidos políticos na Sérvia que se inspiram no fascismo?

Resposta: Um relatório da polícia que acaba de ser publicado revela a presença de grupos de extrema direita, pró-fascistas e pró-nazistas, na região de Voivodina, no norte da Sérvia. Constatou-se que existem quatro pequenas organizações, das quais três são internacionais. Este relatório foi elaborado depois que, no começo de novembro, um grupo chamado Frente Nacional entrou no meio de uma conferência contra o fascismo, que acontecia na Universidade de Novi Sad, e agrediu vários participantes. A polícia interveio e prendeu os agressores. Mas temos o Partido Radical, que mantém relações muito boas com a Frente Nacional, de Jean-Marie Le Pen, na França, assim como com seus similares de extrema direita na Áustria e na Rússia. Portanto, nesta paisagem política, esses partidos radicais se situam à extrema direita. Afirmar que são pró-fascistas ou pró-nazistas pode ser, eventualmente, inexato, mas a extrema direita é a única que propõe, com frequência, a revisão da história da Segunda Guerra Mundial. É o que fez Le Pen, que foi escolhido como cidadão honorário de Zemun, uma cidade ao lado de Belgrado governada pelo Partido Radical.

Pergunta: A Sérvia se encontra num momento delicado em função das negociações em torno do futuro de Kosovo (província sérvia de maioria albanesa). O governo de Belgrado afirma não aceitar a independência da província, enquanto a população e as autoridades de Kosovo exigem o contrário. Na sua opinião, discutir a eventual perda de Kosovo também significa colocar em questão a identidade sérvia?

Resposta: É verdade que, historicamente, Kosovo é muito importante para a formação da identidade nacional sérvia. Ainda existem em Kosovo muitos mosteiros que são reservatórios da memória coletiva nacional, símbolos da nossa identidade, mas também existe um símbolo muito importante da identidade sérvia que fica na Grécia, é o mosteiro de Hilandar. Cito-o para explicar que este importante papel de reservatório da memória não depende da presença deste lugar no território nacional. Portanto, se falamos da importância simbólica de Kosovo, ela pode permanecer a mesma até depois da independência da província – que continuará a ser a terra sagrada dos sérvios. Todo mundo sabe, os sérvios já perderam Kosovo. Esta perda é formal há cerca de dez anos, falta apenas a palavra. Mas isto vai acontecer, é evidente. Foi Milosevic que perdeu este território definitivamente.

Pergunta: Mas muitos sérvios lamentam profundamente uma eventual independência de Kosovo, porque lá está justamente o berço da identidade de nação...

Resposta: Eles confundem as duas coisas. Ninguém quer lhes tirar esta ligação histórica. Se houver a independência de fato será inclusive mais fácil viajar a Kosovo a fim de reverenciar esses centros da memória nacional. Hoje, em virtude do conflito, para um sérvio é quase impossível ir até lá. Além disso, Kosovo foi quase sempre um lugar desconhecido para a maioria dos sérvios. Poucos se mudaram para Pristina, na época em que isto ainda era possível. Poucos foram conhecer os mosteiros. Portanto, sem querer reduzir a importância desses centros da memória nacional, pode-se afirmar que isto se resume a um discurso político, que parece ser valioso para os políticos. Para eles é difícil encontrar uma solução, pois temem perder o poder se disserem que está tudo bem e que vamos permitir a independência de Kosovo. No momento, não há nenhum político que diria

agora abertamente que perdemos muito tempo e energia com essa situação e que o mais importante neste momento é encontrar rapidamente uma solução. É preciso acabar logo com isso, aceitar o que for necessário no contexto da presença da comunidade internacional, que deve garantir a vida normal da população de Kosovo. Mas a independência já é um fato.

Pergunta: No seu livro *The Politics of Symbol in Serbia* o senhor cita a afirmação de Velmar-Jankovic, segundo a qual entre todas as regiões da Europa, os Bálcãs são a menos europeia. O que o senhor pensa a respeito?

Resposta: Citei a afirmação deste autor do começo do século 20 como exemplo desta dupla perspectiva, na qual nos identificamos aqui nos Bálcãs. Por um lado, dizemos que somos mais europeus que a Europa, porque vivemos numa região onde a idéia da Europa nasceu, ou seja, era nos Bálcãs que ficava a antiga Grécia. Por outro lado, também dizemos: “Não, somos os menos europeus, não queremos a Europa, somos anti-ocidentais.” Há, portanto, esta dupla percepção do discurso sobre os Bálcãs e sobre a Europa e suas relações com esta região, porque existem dois tipos de argumento. Dizemos, por exemplo: “Nós não somos europeus porque a Europa é decadente, é fútil, esqueceu suas raízes e fontes de inspiração”. Por outro lado, dizemos ainda: “Somos mesmo europeus, não estamos no Oriente.” Isto depende do contexto. Cada ex-república iugoslava quer ser mais europeia do que a outra, começando pela Eslovênia, no norte, que diz: “Somos europeus e ao sul da Eslovênia começam os Bálcãs.” Os croatas também afirmam que os Bálcãs começam ao sul da Croácia; os bósnios, por sua vez, dizem que ao leste da Bósnia é que começa a região. Já os sérvios afirmam que os Bálcãs começam na Albânia. Portanto, esses são os jogos das imagens, são os discursos que é preciso analisar detalhadamente. Não estamos numa época em que havia idéias dominantes, esmagadoras, que deveriam ser desfeitas. É preciso prestar atenção a todos os tipos de proposição, de discursos, que são fragmentados e difundidos no campo da comunicação. E isto não é uma tarefa fácil, por que como fazemos para nos orientar? É por isso que, no meu livro, precisei analisar documentos muito banais, como textos de jornais, declarações de segunda ordem, a fim de reconstruir a imagem de uma constelação, formada por pequenas idéias que nos mostram o que é a mitologia política e como as coisas se produzem e se consomem rapidamente no campo da comunicação.

Pergunta: O senhor pensa que, depois dos conflitos dos anos 1990 e da política de limpeza étnica abertamente defendida pelos ex-dirigentes da Sérvia, o confronto com seu próprio passado seja difícil para os sérvios?

Resposta: Em relação a esta questão da confrontação de um povo com seu passado recente, há uma diferença em relação à história da Segunda Guerra Mundial, o Tribunal de Nuremberg e o pós-guerra na Alemanha. Porque a Segunda Guerra terminou com uma ruptura, uma separação muito formal entre os derrotados e os vencedores. Do ponto de vista moral e ético, isto também estava claro. Ao passo que as guerras na ex-Iugoslávia não terminaram dessa forma. Por exemplo, o TPI procura os criminosos de guerra que estavam arrolados em todas as partes envolvidas nos conflitos, ao contrário do Tribunal de Nuremberg, que não procurava criminosos de guerra entre os aliados. Esta diferença coloca um novo problema muito sério, que é a identificação dos responsáveis na mente coletiva nacional. Portanto, não é mais a responsabilidade coletiva, de todo um povo, que está em jogo, mas exigimos que cada nação, que cada povo, se distancie de determinadas pessoas. No entanto, exigimos que os alemães se ‘desnazificassem’, como se dizia na época, ao passo que, aqui, exige-se apenas que nós identifiquemos os crimes de guerra e, ao mesmo tempo, deixamos os outros tranquilos, mesmo os que participaram das guerras. Temos também este exemplo, que é novo: os sérvios conquistaram um Estado – a República Sérvia – no contexto do pós-guerra na Bósnia Herzegovina. É um território quase autônomo, que foi criado por Karadzic e Mladic. Mas este é um resultado da guerra, aceito pelo Tratado de Dayton. No entanto, o que não podemos aceitar são os crimes de guerra. E isto é uma grande diferença em relação à Segunda Guerra

Mundial e à responsabilidade sobre essas guerras.

Descrição:

Entrevistas com intelectuais sérvios sobre o período Milosevic, as guerras dos anos 1990, a possível reconciliação entre os povos da antiga Iugoslávia, o nacionalismo, os criminosos de guerra, a Justiça de transição no período do pós-guerra.